

# Seminário debate função do cineclubismo junto à comunidade

CARLOS ARAÚJO

Cerca de 25 pessoas participaram do seminário sobre cineclubismo, realizado na noite de segunda-feira, na Associação Recreativa Unidos do Cruzeiro. A noite de debates foi aberta pelos representantes de cinco cineclubes (Aroeira e Caxadágua, de Taguatinga, o cineclube de Sobradinho, o dos Comerciantes e o "25" de Formosa), ocasião em que fizeram um painel de suas atividades cineclubistas, desde o primeiro dia de funcionamento. Foram ainda discutidos diversos pontos relacionados com a atuação dos cineclubes em Brasília, sendo colocadas várias questões sobre a função e proposta sócio-cultural dessas entidades. O seminário ocorreu a partir da idéia da equipe que está formando o cineclube do Cruzeiro, sendo produto de uma série de reuniões de pessoas interessadas na cultura cinematográfica, em conjunto com as Galerias do Povo e Cruzeiro-Eixo, dois movimentos culturais da comunidade cruzeirense.

Os primeiros passos do movimento cineclubista em Brasília, iniciado dentro do curso da UnB em 62 (quando foi criado o Clube de Cinema de Brasília) foram explicados por Antenor Gentil Júnior, do cineclube dos Comerciantes. Segundo ele, o professor Paulo Emilio Sales Gomes foi o primeiro a sentir a necessidade de expandir a atividade cultural na área de cinema fora da Universidade, uma vez que naquele ano os movimentos culturais de modo geral eram incipientes no Distrito Federal. A partir da formação do Clube de Cinema de Brasília, inicialmente com 30 ou 40 pessoas entre alunos e outros interessados, teve início a discussão da cultura cinematográfica em seus vários aspectos. Mas em 69, o breque cultural que atingiu todo país não isentou o movimento cineclubista, que teve seu período de recesso a partir do AI-5. Mesmo assim, a VII Jornada Nacional de Cineclubes, realizada em julho de 68 foi muito significativa para o movimento, conforme explicou Júnior, porque a partir daí se tentou fundar a Federação Brasiliense de Cineclubes e muitas discussões surgiram em torno do assunto. Mas em razão da situação política da época, em 69, todo movimento cineclubista se esvaizou, para ser

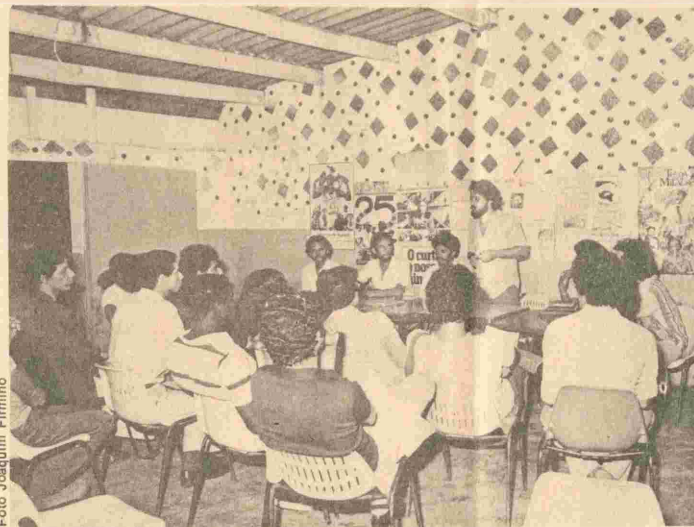


Foto Joaquim Firmino

Representantes de vários cineclubes relataram suas experiências na Aruc

retomado em 72, com a vinda a Brasília de um fratez que exhibia filmes culturais no Clube do Congresso com a finalidade de sobrevivência.

Posteriormente, em 75, remanescentes do antigo Clube de Cinema reiniciaram a atividade, trazendo desta vez uma proposta menos elitista, segundo Júnior, e formaram o Cineclube Nelson Pereira dos Santos, tendo entre seus fundadores nomes como Rogério Costa Rodrigues, Vladimir Carvalho e Marco Antônio Guimarães, pessoas ligadas a atividades de cinema em Brasília. Hoje, o Nelson Pereira dos Santos se distanciou de suas origens. Outros cineclubes, como Aroeira, da UnB, e Pindorama, do Sesc, surgiram mais tarde, alguns criados ou revitalizados depois do I Curso de Formação de Cineclubistas, realizado no Sesc em 78.

## FALTA DE DEBATE

Entre as dificuldades com que se depararam os cineclubes, o principal parece ser a criação do hábito de debates com a platéia, fato observado pelo cineclube de Sobradinho, segundo seu representante. A seu ver, embora a proposta primordial de seu cineclube não seja a discussão da cultura cinematográfica, e sim, os problemas enfrentados pela comunidade sobradinhense, as pessoas sentem dificuldades ao falar, em travar um debate em cima do filme ou mesmo sobre toda problemática social do bairro. "Nós tentamos fazer com que as pessoas falem sobre seus problemas, sem se preocupar com o filme. Se o cineclube exibe certo filme não significa que a gente tem que debater sobre ele, mas sobre os temas de exclusividade da sociedade de Sobradinho. Nós não fomos nada com a discussão do filme, mas temos que debater os pro-

blemas do povo", disse o representante do cineclube de Sobradinho.

Um trabalho conjunto com o CDS, mas sempre com o objetivo de levar a população de Sobradinho a discutir os vários problemas das quadras, está sendo planejado pelo cineclube local, além de outros nos colégios, e na Associação de Pais e Mestres, com vista a arrecadar fundos para o cineclube. Estes foram os temas mais discutidos no seminário, tendo em vista as idéias contrárias, de que o cineclube não deve ser utilizado como instrumento de aproximação das pessoas, na discussão dos problemas sociais da comunidade.

O processo de formação do cineclube Aroeira na opinião de seu representante foi facilitado porque a maioria de seus membros já exerciam atividades diretas com o público, como o teatro. A partir daí vieram os primeiros contatos com o Sesc de Taguatinga, que

segundo o membro representante do Aroeira estava fomentando a atividade cineclubista naquela cidade - satélite. Assim, foi proposto ao grupo a formação do cineclube, já que o Sesc dispunha de um projetor e uma sala, além de outros equipamentos de cinema que estavam subutilizados, "abindo filmes sem nenhuma importância cultural para meia dúzia de pessoas".

O desestímulo por parte das pessoas que formam cineclubes foi outra questão colocada pelo representante do Aroeira, fato que ele apresenta como um dos grandes empecilhos à continuidade dos cineclubes em Brasília: no início as pessoas estão dispostas a trabalhar e se mostram dedicadas, mas depois de algumas semanas o grupo fundador fica reduzido à metade, como ocorreu com o próprio Aroeira. "De onze o grupo caiu para seis pessoas", lamentou o representante a-roeirense.

Além de problemas com a redução do grupo criador do cineclube do Grupo Caxadágua Arluc, Orestes analisou durante o seminário diversos pontos de atuação da instituição, entre eles a intenção de atingir a faixa mais carente da população de Taguatinga. Contudo, inicialmente isto não ocorreu, segundo ele, pois às primeiras exhibições foram fixadas na Administração Regional. "Isto fez com que o cineclube atingisse outro tipo de público, o que não se esperava", segundo ele. Depois disso só restou ao cineclube procurar atingir o outro público sem perder de vista a faixa já conquistada. "Não pretendíamos localizar nossas atividades, mas manter um trabalho itinerante e conseguimos isto", afirma Arthur. Outras atividades do Grupo Caxadágua, como teatro e ruas de arte, além de um projeto para shows musicais, também foram expostas no seminário do Cruzeiro. No entanto, para o membro do Grupo Caxadágua, foi com o cineclubismo que se registrou maior frutificação na atuação do grupo, a seu ver, em vista das facilidades encontradas, embora facilidades "entre aspas" como ele mesmo diz. Arthur ressalta ainda a importância do entrosamento entre os cineclubes e o contato com as embaxeadas, porque no dia que o cineclube não tiver condi-

de alugar filmes da Embrafilme, Dinafilmes, ou qualquer outro distribuidora, você consegue com elas." O mais importante, a seu ver, é se dar continuidade à atividade, cineclubista, sem depender exclusivamente de uma entidade governamental. E apesar de os cineclubes de Brasília sobreviverem com ajuda de algumas entidades, o representante do Caxadágua defende a idéia de se criar condições de sobrevivência sem paternalismos.

## CINECLUBE 28

Considerando Formosa como uma cidade - satélite de Brasília, "mesmo fora do Distrito Federal", outro conferencista falou em nome do Cineclube 28, daquela cidade goiana, quando disse que Formosa "morreu culturalmente depois da criação de Brasília". Por isso, um grupo pensou em criar algo que realizasse a vida cultural da cidade, e aí nasceu o cineclube. "Mas antes pintou a idéia de se levar filmes, independentemente de cineclube", esclarece ele. Depois, um grupo começou a praticar o cineclubismo e levaram o trabalho adiante, apesar das dificuldades, com a obtenção de salas e transporte do projetor e outros apetrechos. Mas tudo ficou mais fácil depois da Semana Cultural de Formosa, realizada em dezembro, como explicou o representante do 28. "E o objetivo da Semana Cultural foi o de abrir espaço para as atividades culturais e já existem três grupos teatrais atuando". No início a idéia não foi bem aceita por determinados setores de Formosa, como explica o cineclubista, "porque algumas pessoas acham que quem transa teatro é bicha ou macocheiro". E da mesma maneira, segundo ele, pensaram com respeito aos que formaram o cineclube.

## XIV JORNADA

A noite de palestras sobre atividades cineclubistas focalizou ainda alguns pontos a serem discutidos pela equipe de formação do cineclube do Cruzeiro, na reunião da próxima segunda-feira, dia 28. A realização da XIV Jornada Nacional de Cineclubes, de 5 a 9 de fevereiro no Centro de Convenções, foi outro assunto abordado no seminário, sendo ressaltada a sua importância para todos quantos se propuseram a praticar o cineclubismo.